

LAURA
MARSHALL

MARIA QUER SER SUA AMIGA...

Pedido de Amizade

MAS MARIA MORREU... NÃO MORREU?

TOP
SEL
LER

Top 10 do *Sunday Times*

BESTSELLER

Kindle #1

Para o M., o C. e o A., com amor

CAPÍTULO 1

2016

O E-MAIL SURGE NA MINHA caixa de correio como uma bomba por detonar: *Maria Weston quer ser tua amiga no Facebook*.

Por um segundo nem leio «Facebook», vejo apenas: «Maria Weston quer ser tua amiga.» Num ato instintivo, fecho bruscamente o portátil. É como se tivesse uma esponja alojada na garganta a absorver toda a humidade, a inchar e a obstruir mais e mais, sufocando-me aos poucos. Tento respirar fundo e controlar-me. Talvez tenha lido mal. Só posso mesmo ter lido mal, porque é impossível isto estar a acontecer. Torno a abrir devagar o portátil. De mãos a tremer, acedo de novo ao correio eletrónico e desta vez não há como negar, é um facto: a Maria Weston pediu-me amizade no *Facebook*.

Até aqui estava a ser um dia banal. Esta noite o Henry está com o Sam, por isso aproveitei e passei o dia inteiro a trabalhar nos esboços iniciais para um cliente que quer tudo — das paredes à alcatifa, passando pelos sofás — em tons bege e cinzento-acastanhado, mas que, ao mesmo tempo, pretende que a casa não fique com um ar monótono. Quando vi que tinha recebido um e-mail até agradei a distração — talvez fosse algo pessoal e não mais uma empresa qualquer a tentar vender-me qualquer coisa.

Agora, porém, de bom grado trocava esta mensagem por lixo eletrónico a publicitar alguma coisa; o que mais queria era poder

voltar ao tédio moderado de há minutos. Isto só pode ser uma piada de alguém muito doentio. Mas quem? Quem poderia achar que isto ia ter graça? Aliás, quem é esta pessoa que adivinhou qual seria a minha reação?

Há uma maneira muito fácil de arrumar o assunto, claro. Só tenho de apagar o e-mail e depois ir ao *Facebook* e recusar o pedido de amizade sem ir ver a página de quem mo enviou. Uma parte de mim grita-me que faça isso mesmo, que ponha fim a isto imediatamente; mas há uma outra parte, mais silenciosa e escondida, que quer ver e quer saber. Quer entender.

E eu obedeço-lhe. Clico em «confirmar pedido de amizade» e sou levada diretamente para a página dela: a página da Maria Weston no *Facebook*. A foto de perfil é antiga, anterior à era digital; vê-se logo que foi digitalizada. Ela está com o *blazer* verde do uniforme escolar e, de compridos cabelos castanhos soltos ao vento, sorri ligeiramente. Examino todo o ecrã, à procura de pistas, mas quase não há informação na página. Ela não tem amigos e não publicou outra foto além da de perfil.

E ali está, imperturbável, a olhar-me do ecrã do meu portátil. Há mais de 25 anos que não sentia aquele olhar frio, que não era a sua visada; é um olhar que nos diz que ela está a avaliar-nos, embora não de uma maneira antipática; aquilo é ela a avaliar-nos, a perceber coisas a nosso respeito para lá do que queremos dar a conhecer. Pergunto-me se ela alguma vez terá chegado a perceber o que eu lhe fiz.

Em fundo, vê-se o vermelho dos edifícios de tijolo do liceu, tudo aquilo de certo modo familiar mas também estranho, como se fossem as recordações de outra pessoa e não as minhas. É estranho: podemos passar cinco anos a ir todos os dias para o mesmo lugar e depois isso acaba e nunca mais lá voltamos. Quase como se esse lugar nunca tivesse existido.

Apercebo-me de que não consigo ficar a olhar para ela durante muito tempo; os meus olhos vagueiam pela cozinha, desejosos de alguma coisa quotidiana onde se fixarem, de uma trégua nesta nova e desconcertante realidade. Levanto-me e vou fazer café. É um ritual reconfortante: colocar a cápsula lisa e lustrosa na

máquina, pressionar o botão com a ponta do dedo, exatamente como faço todas as vezes, e aquecer o leite no vaporizador.

Sento-me rodeada do aparato da minha vida, muito confortável, muito classe média e quase de meia-idade: os pequenos eletrodomésticos e o frigorífico caro, com a fotografia que eu e o Henry tirámos no verão passado, da primeira vez que fizemos férias só os dois — uma *selfie* à beira da piscina, ambos com o sal do mar na pele e bronzeados, o Henry com uma orla escura em volta da boca, onde a areia se colou aos restos do seu gelado diário.

Para lá das portas envidraçadas, o meu jardim minúsculo já vestiu a sua desolada roupa de final do outono e as lajes estão reluzentes da primeira chuva gelada. Há uma fileira de vasos rachados com os acastanhados restos moribundos da tentativa — condenada à partida — que fiz este verão de cultivar as minhas próprias ervas aromáticas, e o céu da tarde, já a escurecer, apresenta um uniforme e monótono cinzento-ardósia. Tenho um vislumbre de um dos arranha-céus que, ameaçadores, se erguem aqui e ali como gigantes malévolos, ensombrando os alinhamentos de moradias vitorianas convertidas em apartamentos iguais ao meu — e que são o que mais há nesta zona do sudeste londrino. Esta cozinha, esta casa, esta minha vida tão cuidadosamente construída. Esta pequena família de apenas duas pessoas. Se faltar um, ao outro não se poderá chamar «família». O que seria preciso para esta construção ruir, para que isto que ergui se desmoronasse estrepitosamente? Talvez menos do que julgava. Talvez baste um toque leve nas costas, um empurrãozinho de nada, tão ligeiro que mal daria por isso.

Com as suas paredes de um cinza-esbatido e os balcões de madeira aclarada, a minha cozinha é aconchegante — desconfortavelmente aconchegante, parece-me agora. Enquanto a máquina do café trauteia a sua melodia do costume, ouço sem grande atenção o noticiário (costumo ter o rádio da cozinha sempre ligado, todos os dias) — um clube qualquer ganhou um jogo, mudou um ministro no governo, uma adolescente de 15 anos matou-se depois de o namorado publicar online fotos dela nua. A ideia faz-me estremecer — por um lado compadeço-me dela; por outro sinto

gratidão, à mistura com vergonha, por não haver telemóveis com câmara fotográfica quando eu própria era adolescente. A precisar de um pouco de ar fresco, vou abrir uma das portas envidraçadas, mas uma rajada gelada torna a fechá-la com força.

O café já está pronto e então não me resta alternativa senão sentar-me uma vez mais diante do portátil, onde a Maria esteve todo este tempo à minha espera, paciente e impenetrável. Forço-me a olhá-la nos olhos e em vão procuro algum indício do que lhe aconteceu. Tento ver a imagem da perspectiva de um observador circunstancial: ela é uma liceal como qualquer outra e aquela é apenas uma fotografia antiga que passou muitos anos na sala de jantar de uma qualquer mãe, sobre o aparador. Todas as semanas, essa mãe limpava o pó à moldura e tornava a pô-la no sítio. Mas não resulta; sabendo o que lhe aconteceu, não consigo vê-la dessa maneira.

A Maria Weston pediu-me amizade. Talvez tenha sido esse o problema desde o primeiro momento: a Maria Weston queria ser minha amiga e eu desiludi-a. Então ela passou toda a minha vida adulta a pairar na orla da minha consciência, embora sempre tenha conseguido não a deixar entrar-me no pensamento, de tal maneira que ela se manteve como uma sombra indistinta que eu via pelo canto do olho; estava quase fora do meu campo de visão, mas não completamente.

A Maria Weston quer ser minha amiga.

Mas a Maria Weston morreu há mais de 25 anos...!

CAPÍTULO 2

1989

PASSEI A NOITE INTEIRA ACORDADA, a tentar processar de alguma maneira o que aconteceu, aquilo que fiz. Tenho os olhos vermelhos e a arderem-me de cansaço, mas não me atrevo a adormecer. Se dormir, ao acordar haverá um terrível, mas pacífico, momento em que não me lembrarei de nada. Então, virá tudo de enxurrada e o impacto será mil vezes pior depois desse momento de esquecimento.

Recordo a última vez que vi o nascer do Sol; estava na cama da Sophie. Agora, porém, é tudo mais desolado e turbulento. Caiu uma chuvada de verão, incessante, durante toda a noite, e um ramo de uma árvore vai batendo de vez em quando na janela do meu quarto. Não é só o comprimido que me mantém acordada, embora ainda sinta o seu efeito indesejado a correr-me nas veias. Passei as últimas quatro horas sentada no chão, a ver o meu quarto a emergir aos poucos da escuridão para uma penumbra cinzenta e desanimada. Rodeiam-me os destroços dos meus complicados preparativos para uma noite que, há 12 horas, se anunciava convidativa e iluminada pela promessa de aceitação, de me ver aprovada. Sobre a cama estão três vestidos; os respetivos pares de sapatos ficaram esquecidos diante do espelho de corpo inteiro. Apático, o meu olhar pousa na mancha na alcatifa, onde a Sophie derramou o meu novo pó compacto «efeito bronzead»

apenas para depois eu fazer uma desastrada tentativa de o limpar — molhei um lenço de papel no copo com água esquecido ali, na mesa de cabeceira.

Ao meu lado, todo enrolado, está o vestido que acabei por escolher; entretanto troquei-o por uma camisola já velha e umas *leggings*. Tenho os olhos esborratados e os lábios secos e gretados, e sinto os restos de batom a entranharem-se na pele em volta da boca.

Passei todo este tempo aqui sentada no chão porque não consigo mexer-me. Seria de esperar que tivesse o coração a mil, mas, na verdade, sinto uma mão de ferro a apertá-lo com tanta força que até me surpreende que continue a bater. Tudo abrandou para um ritmo fúnebre. Se levo a mão ao cabelo para o prender atrás de uma orelha, ou se quero apanhar alguma coisa do chão, por mais rápido que seja o movimento, é como se me movesse em câmara lenta. O meu cérebro está com dificuldade em processar tudo isto; com uma lentidão de caracol, vou recapitulando os acontecimentos destes últimos meses e tento perceber como foi possível as coisas chegarem a este ponto.

Suponho que tudo tenha começado há uns dois meses, quando chegou a nova aluna. Tinha passado o intervalo quase sem dizer uma palavra, a ouvir a Sophie a falar com a Claire Barnes e com a Joanne Kirby. Estávamos as quatro sentadas no banco ao fundo do pátio, elas com a saia do uniforme tão enrolada na cintura, para a encurtarem, que mais valia não a terem vestido. Do lado oposto do pátio, o Matt Lewis não tirava os olhos da Sophie e via-se logo o que ele estava a pensar. Era aquele dia especial, o primeiro do ano em que se sente a primavera no ar. Sentada numa ponta do banco, eu ia desfrutando do calor do Sol na cara e rezava para que elas não me perguntassem nada. O céu estava incrivelmente azul e a Sophie e as outras duas quase pareciam brilhar, com o cabelo inacreditavelmente lustroso, a refletir o sol, e com a pele dourada, macia e luminosa. Claro que percebiam a reação que estavam a provocar — de parvas nada têm...

A retocar o rímel, a Sophie ia contando que se tinha enrolado com um rapaz no fim de semana anterior, na festa do 16.º aniversário

da Claire Barnes. Eu não fora convidada, como é óbvio. A Claire e a Joanne só toleram que me cole ao grupo porque sou amiga da Sophie, e às vezes tenho a sensação de que mesmo essa amizade me está a fugir — e eu a agarrar-me a ela com unhas e dentes.

— Basicamente estávamos aos beijos e tal, até que... bom, sabem o mais embaraçoso que pode acontecer a um rapaz? Pois bem, aconteceu.

A Claire e a Joanne deram guinchinhos histéricos.

— Ai meu Deus! — exclamou a Claire. — Que vergonha! Sabem que eu curti com o Mark naquela festa em casa do Johnny, não sabem? Fomos lá para o fundo do parque, eu a chupá-lo e ele nada, até que levantei a cabeça e sabem o que tinha acontecido? Ele estava a dormir!

A Sophie e a Joanne riam sem parar e eu sorri, para elas verem que tinha percebido a piada. Ao menos sei o que é chupar, embora os detalhes me escapem. Até já tentei imaginar-me a fazer isso, mas não consigo, nem mesmo sendo alguém de quem goste mesmo. Para começar, não faço a mínima ideia de como é, do que se tem de fazer com a boca e com a língua. Estremeci. A Claire inclinou-se mais para as outras duas, como se agora fosse brindá-las com uma pérola de sabedoria.

— Para vocês tudo bem, porque ainda é tudo novidade para as duas, mas eu começo a enjoar um bocado do sexo, sabem? O Dan nunca quer fazer mais nada. E eu às vezes também gostava de ir até à vila, ou ao cinema, sei lá...

A Sophie e a Joanne concordaram logo, muito convictas. É estranho: por regra, a Sophie é sempre muito descontráida e segura de si, mas às vezes, quando estamos com a Claire, consigo ver-lhe o calcanhar de Aquiles, as fissuras na fachada dela. Não há muito tempo, as três tinham começado a deixar-me ir com elas até à vila depois das aulas. Íamos as quatro, mas ao chegarmos ao rio o caminho estreita e só dá para duas pessoas, e apercebia-me sempre da Sophie e da Joanne a empurrarem-se discretamente, querendo ambas ir com a Claire e não comigo.

Até hoje à noite nunca tinha sequer beijado um rapaz e lembro-me de nesse dia rezar para elas não descobrirem. A Sophie sabe,

mas não acho que ela fosse dizer. Pelo menos nunca me obrigam a participar nessas conversas. Fico sempre cheia de medo de dizer alguma estupidez, alguma coisa que denuncie a minha falta de experiência. Quase tudo o que sei sobre sexo li na *Just Seventeen* e Deus sabe que nem isso é grande ajuda. A tipa que responde às cartas parece partir do princípio de que todas as leitoras sabem o essencial, por isso há sempre frases e palavras que me deixam na dúvida. Seria de esperar que as aulas de educação sexual nos dessem as bases, mas não, até agora só tivemos direito a um vídeo dos anos 70, mais do que antigo, que mostra uma mulher a dar à luz, além de algumas conversas envergonhadas sobre pénis a entrarem em vaginas. Ora, isso até eu já sabia. Até agora só uma aula prometia ter interesse, aquela em que a professora Cook ia usar uma banana para nos ensinar como se coloca um preservativo, mas como ficou doente e faltou tivemos de contentar-nos com ouvir a explicação de outras do nosso ano que tinham tido a mesma aula na semana anterior.

A nova aluna chamava-se Maria Weston. Tinha um ar normal e vestia um uniforme normal — não era dos mais arrojados, mas também não era daqueles à antiga. A professora Allan mandou a Sophie orientá-la, mas ela, basicamente, mostrou-lhe onde eram as casas de banho e a cantina e não tornou a ligar-lhe a mínima durante todo o dia. A Esther Harcourt tentou fazer amizade com a Maria, mas até uma recém-chegada via logo que a Esther, com as suas roupas herdadas dos primos e com aqueles óculos de massa, não era a melhor opção para se ser popular na nossa escola. O curioso é que, na primária, eu e a Esther éramos inseparáveis. Adorava ir lá a casa porque a mãe dela deixava-nos ir para a mata e nós passávamos lá horas; por outro lado eles eram *hippies* vegetarianos, portanto o lanche consistia sempre em coisas esquisitas. Nalguns aspetos, agora até tenho saudades dela; a verdade é que dantes divertíamos-nos. Mas ser amiga dela, hoje em dia, seria um pesadelo.

Adiante. Ao almoço, a Sophie nem se sentou com a nova aluna e, por essa altura, já a Esther fazia por não se aproximar porque a Maria tinha sido gélida com ela durante o intervalo da manhã.

À medida que se aproximava a minha vez de pagar dei início ao ritual diário de olhar em redor pela cantina, a tentar resolver com quem iria sentar-me dessa vez. A Maria estava sozinha na extremidade de uma mesa; na outra estava um grupo de marronas, incluindo a Natasha Griffiths (ou a Cara e Pescoço, como a Sophie lhe chama, por usar uma base alaranjada e depois ter o pescoço muito branco). A Cara e Pescoço não se calava com um trabalho que tinha feito para Inglês que o professor Jenkins dissera estar brilhante; até lhe pedira para ficar mais um bocado no fim da aula, depois de os outros saírem (sim, aposto que pediu. Toda a gente sabe que ele é um velho tarado do piorio).

Eu já ia passar pela Maria sem parar, a perguntar-me se haveria problema em sentar-me com a Sophie (ela estava com a Claire e com a Joanne na mesa do fundo, à esquerda; por alguma razão, essa ficou a ser a mesa das «populares» — basicamente, só se pode lá sentar quem não almoçar mais do que um iogurte), mas então eu e a Maria entreolhámo-nos. A comer a sua batata assada, ela ia ouvindo a Natasha, que nunca mais se calava com o tal trabalho sobre Shakespeare, e sorria como se já tivesse percebido que a Natasha não diz uma que se aproveite. Então, algo me fez abrandar.

— Está alguém sentado aqui?

— Não, ninguém! — respondeu ela, puxando o tabuleiro para fazer lugar para mim. — Senta-te.

Pousei o tabuleiro com a minha vergonhosa lasanha cheia de gordura e sentei-me. Com a palhinha, furei o pacote de sumo de maçã, fazendo surgir uma gota cor de âmbar.

— Então, que tal está a ser o teu primeiro dia?

— Oh, sabes como é... Está a correr bem. É difícil, claro... Tu percebes.

Calou-se.

— Basicamente, está a ser um horror, é isso? — resumi, mostrando um sorriso.

— Sim. — Ela sorriu, aliviada. — Do pior.

— Em que liceu andavas? Os teus pais mudaram-se para cá? Focando-se na batata assada, começou a pelá-la.

— Sim, morávamos em Londres.

— OK — respondi. Estávamos em abril, perto do final do ano letivo, uma época um bocado estranha para se mudar de cidade, achei. Ela hesitou.

— Andava a ter problemas com algumas das minhas colegas.

Senti que não queria que eu insistisse no assunto, por isso não fiz mais perguntas.

— Bom, aqui são todos simpáticos — menti. — Não vais ter problemas desses. Aliás, temos um grupo que vai quase todos os dias até à vila depois das aulas; devias vir connosco.

— Hoje não posso; o meu irmão vem esperar-me no fim das aulas, para irmos juntos para casa. Mas noutra dia ia adorar.

A primeira aula a seguir ao almoço era Matemática. De maquiagem retocada depois de uma sessão de má-língua na casa de banho, a Sophie veio sentar-se ao meu lado; tresandava ao *Poison* da Christian Dior. Conteí-lhe que tinha falado com a Maria e que a convidara a ir à vila connosco. Ela voltou-se para mim.

— Convidaste-a para ir connosco? — Ovi-lhe uma nota perigosa no tom.

— Sim... Há problema? — Tentei que a voz não tremesse.

— A Claire já sabe?

— Não... Não achei que fossem importar-se.

— Podias ter-me perguntado antes, Louise.

— Desculpa, achei que... ela é nova aqui e...

Pus-me a reordenar os meus livros na mesa, mesmo não sendo necessário; o meu pânico era cada vez maior. O que fora eu fazer?

— Eu sei. Acontece que já ouvi rumores sobre ela, coisas que aconteceram no liceu onde andava antes.

— Oh, não há mal, ela já me contou tudo. — Talvez ainda conseguisse remediar as coisas. — Nada disso é verdade.

— Era de esperar que dissesse isso, não achas? E contou-te o motivo?

— Não — admiti, já a sentir as faces a escaldar.

— Pois. Bom, talvez devesse começar por saber primeiro os factos, antes de te pões a convidar sei lá quem para sair com os outros.

Passámos os minutos seguintes a fazer os nossos exercícios de álgebra sem trocar palavra, embora me desse conta de que ela continuava a olhar por cima do meu ombro para copiar as minhas respostas.

— De qualquer maneira, ela hoje não pode vir connosco — atrevi-me finalmente a dizer. — O irmão vem buscá-la no fim das aulas.

— Ouvi dizer que esse também é um bocado esquisito. Seja como for, hoje também não posso ir à vila. Combinei uma coisa com a Claire.

Era óbvio que eu não estava convidada para essa saída misterio, por isso nada disse. Surpreendeu-me que a Sophie não estivesse a sentir o calor que eu irradiava — com o choque e a apreensão a saírem-me por todos os poros.

Quando tocou para a saída ela agarrou rapidamente nas suas coisas e seguiu disparada para a aula seguinte. No final do dia nem sequer se despediu; por entre risadinhas e sem olhar para trás, deixou a escola de braço dado com a Claire Barnes. Fiquei aflita; teria estragado a nossa amizade? Merda, merda, merda. O que ia eu fazer?

CAPÍTULO 3

2016

CONTINUO SENTADA À MESA DA cozinha em estado de choque, com a página da Maria no *Facebook* aberta à minha frente. A cabeça enche-se-me de perguntas. Quem está a fazer isto e porquê agora? Tento aceitar a assustadora possibilidade de, não sei como, algures, a Maria ainda estar viva. Recebo outra notificação do *Facebook* e, ansiosa, abro-a.

O Comité de Reunião do Liceu de Sharne Bay convidou-a para o evento Reunião de Finalistas de 1989 do Liceu de Sharne Bay.

Reunião de finalistas? Meio febril, clico no link e ali está: a reunião dos finalistas de 1989 do Liceu de Sharne Bay vai ser daqui a duas semanas, num sábado, na antiga sala de convívio. Enviado assim, logo a seguir ao pedido de amizade da Maria, este convite é como um murro de surpresa em cheio no estômago. Será possível tratar-se de uma coincidência, receber as duas coisas no mesmo dia? Vou à página do *Facebook* do grupo que está a organizar o evento e, embora não haja maneira de ver quem foi a pessoa que a criou, parece legítima. Vejo o post no topo do feed de notícias; é do Sr. Jenkins, o nosso antigo professor de Inglês, que, tudo

indica, continua lá na escola. À época havia todo o tipo de boatos à volta dele — que fazia as alunas ficarem depois de a aula terminar, que ia espreitar às janelas dos vestiários e por aí fora —, mas suponho que nada disso era verdade. Estávamos todos convencidos de que a professora de Educação Física era lésbica só porque tinha um olho de vidro, portanto não éramos as testemunhas mais fiáveis do mundo. O resto do feed de notícias resumia-se à tagarelice empolgada dos que vão à reunião de finalistas e já data de há alguns meses. Porque terão esperado até agora para me convidar? Embora não queira, sinto o calor subir-me às faces e lágrimas idiotas a picarem-me os olhos. Que estupidez, a facilidade com que viajo de volta no tempo e a rapidez com que me vejo assaltada por aquela vergonha tão minha conhecida — a vergonha de me ver excluída, esquecida. Continuo a não pertencer verdadeiramente à «malta». Sou alguém de quem os outros se lembram à última hora.

Clico na lista dos que já confirmaram a presença e ponho-me furiosamente à procura do nome dele. Sim, ei-lo. E ali está ele na sua foto de perfil, a fitar-me com aquele olhar franzido, o braço direito em volta de alguém que foi cortado da imagem. Sam Parker já confirmou a presença, leio. Porque não me avisou ele? Não passamos horas à conversa, é óbvio, mas podia ter-me dito alguma coisa quando fui deixar o Henry com ele. Talvez não queira que eu saiba que vai haver uma reunião de finalistas.

Há outros nomes que reconheço de imediato: Matt Lewis, Claire Barnes e Joanne Kirby. Por um segundo de fazer parar o coração, leio «Weston» e ocorre-me que poderá ser a Maria, mas não, é o Tim Weston. Meu Deus, o irmão dela. Não andava no liceu connosco — era um ano mais velho e estava no primeiro ano do preparatório para a entrada na universidade, numa outra escola ali da zona — mas dava-se com o Sam e com alguns dos outros rapazes do nosso ano, portanto suponho que não é de surpreender que ele vá. Há muitos outros nomes; alguns conheço, de outros não me lembro. Muitos nomes, mas nenhum é o meu.

Continuo a descer pela lista dos que já confirmaram a presença, até que dou com o nome da Sophie. Sabia que ela iria. Vou

ao perfil dela. Já o vi antes, mas sempre resisti à tentação de lhe pedir amizade. Desta vez não estou com rodeios e vou ver quem são os amigos dela, mas não encontro a Maria. Claro que isso não prova que a Sophie não tenha recebido o mesmo pedido que me foi enviado, mas apenas que não o terá aceite. Tem 564 amigos. Eu tenho 62 e alguns são do trabalho. Já me passou pela cabeça apagar a minha conta, para não me deixar sugar por esse horrível vórtice em que damos por nós a perder tempo a ver as fotos de casamento de alguém que nem conhecemos, em vez de cumprirmos o prazo de entrega de um trabalho, mas o facto é que isto é importante para mim, sobretudo desde há dois anos. Depois de o Sam me deixar tive de reduzir o meu mundo ao essencial, para não perder as coisas importantes: o Henry e a minha atividade profissional. Não me sobra tempo ou energia para mais nada, mas o *Facebook* é a prova de que não perdi completamente o contacto com os meus amigos e ex-colegas. Continuo a par do que se passa nas vidas deles — como são os filhos, onde passaram as férias — e, nas raras ocasiões em que nos encontramos, o fio que nos liga é mais forte do que seria noutras circunstâncias. Por isso continuo a publicar coisas, a fazer *like* e a deixar comentários; tudo isso faz-me sentir que continuo presente no meu mundo.

Lá fora está a levantar-se vento e um ramo da glícínia que emoldura as minhas portas envidraçadas bate num vidro, o que me faz pular de susto. Embora eu saiba o que causou aquele barulho, levanto-me e vou espreitar, mas já é quase noite e não vejo muito mais para lá do meu reflexo. Uma súbita chuva ligeira fustiga os vidros, como se alguém tivesse atirado uma mão-cheia de gravilha e recuo de um salto, com o meu coração agora a bater descompassado.

De volta à mesa da cozinha, clico na foto de perfil da Sophie. É uma daquelas falsamente espontâneas, com ela linda de morrer, mas a conseguir dar a impressão de que foi tirada de qualquer maneira e escolhida à pressa para foto de perfil. Quem olhar com mais atenção verá a maquilhagem «natural», a luz semiprofissional e os filtros que depois foram aplicados à imagem. E alguém que olhe com mais atenção ainda verá as linhas no rosto, mas

sou obrigada a reconhecer que os anos trataram bem a Sophie. Os cabelos dela continuam a parecer uma cascata de caramelo derretido e mantém um corpo de se invejar, mas já era de prever que não mudaria muito.

Pergunto-me se já me terá procurado aqui e então regresso à minha própria foto de perfil e tento vê-la através dos olhos dela. Escolhi uma que me tirou a Polly, no pub, sentada a uma mesa e com um copo de vinho na mão. Perante o meu novo olhar crítico, dir-se-ia a foto de alguém a esforçar-se para parecer uma pessoa «divertida». Vestida com um top de manga curta, estou inclinada para a mesa e dá para ver como os meus braços são flácidos e nada atraentes em cima, em deprimente contraste com os braços da Sophie, visíveis na foto dela, bronzeados e tonificados no ginásio. O meu cabelo castanho é baço e escorrido e tenho a maquiagem esborratada.

A minha fotografia de capa é uma do Henry, tirada há um mês, no primeiro dia de aulas dele. Está em pé na cozinha, com o uniforme acabado de estrear ainda a ficar-lhe ligeiramente grande e com uma expressão orgulhosa que me faz vir as lágrimas aos olhos. Só eu sabia o que lhe ia por dentro; à noite, mesmo antes de adormecer e escondido debaixo do edredão, ele tinha-me confessado os seus medos: «Mamã, e se ninguém quiser brincar comigo? E se eu não aguentar com saudades tuas? E se precisar de mimos?» Tentei tranquilizá-lo o melhor que pude, mas eu própria não tinha a resposta para qualquer dessas perguntas. Achei-o tão pequenino para se fazer ao mundo, entregue a si mesmo e sem me ter a protegê-lo... Vem-me fugazmente à ideia se a Sophie saberá que eu e o Sam temos um filho ou que fomos casados. Forço-me a não pensar no Henry e no que estará ele a fazer esta noite em casa do Sam; tento não me preocupar com ele, mas é como esforçar-me por não respirar.

Pergunto-me o que significará tornar-me amiga no *Facebook* da Sophie e então vou descendo pela minha cronologia, sempre a tentar vê-la pelos seus olhos. Muitas fotos do Henry; posts sobre os stresses de onde deixar os filhos durante o dia ou o sentimento de culpa de uma mãe com uma carreira profissional, sobretudo

quando o Henry começou a ir à escola ainda que, nas primeiras duas semanas, só lá passasse as manhãs. Pergunto-me se a Sophie terá filhos. Se não tiver vai achar a minha cronologia um tédio pegado. Mas, se tiver paciência e descer um bocado na página, pelo menos verá as fotos das nossas férias de verão, tanto o Henry como eu bronzeados e descontraídos, toda a tensão aliviada pelo calor e por estarmos longe de casa.

O que ela não poderá ver é que fui casada com o Sam, isto se entretanto não tiver sabido. Eliminei todo e qualquer vestígio dele da minha cronologia há dois anos, ao perceber que ele tinha apagado a sua conta do *Facebook*, aquela com a história de nós os dois. Começou do zero, como se nada fosse. As férias, os passeios, as nossas fotos de casamento cuidadosamente digitalizadas anos mais tarde — tudo isso ele apagou e substituiu por uma nova narrativa cor-de-rosa. Eliminou-me como quem limpa uma mancha de sujidade na janela.

Vou ver se a Sophie é amiga do Sam no *Facebook*. É. Ele deve ter as definições de privacidade no máximo, porque dele só consigo ver as fotos de perfil — que o mostram sozinho ou então são paisagens — e de há dois anos, a data da «conta criada no *Facebook*». A custo lá consigo parar de olhar para a foto dele. Sei que estou melhor sem o Sam. Mesmo assim há uma parte de mim que ainda queria estar com ele; juntos tínhamos um brilho especial, num mundo baço que pretende que toda a gente seja igual.

Ponho-me a ver as fotografias que tenho no portátil, a tentar arranjar uma melhor para pôr como foto de perfil, isto enquanto me pergunto se não deveria tirar uma nova, mas como fico sempre horrível nas *selfies* talvez não seja boa ideia. E se for uma daquelas «cómicas», em que pomos uma foto na parte de trás da cabeça, ou então uma desfocada? Claro que ela poderá já ter andado à minha procura no *Facebook* e ter visto a foto de perfil que tenho de momento, portanto, se a mudar hoje e depois lhe enviar um pedido de amizade vai saber que a alterei de propósito só para impressioná-la.

Detenho-me: eu, impressioná-la?! Meu Deus, é isso o que estou a tentar fazer, mesmo ao fim de todos estes anos? Penso

naqueles tempos e, à luz do que entretanto aprendi, é nítido que a Sophie se limitou a usar-me para lhe amparar o ego. Ela precisava de ter ao lado alguém menos atraente, menos «fixe» do que ela, porque assim brilharia mais. À época não fui capaz de ver isso, mas ela estava a tentar subir na hierarquia social, tal como eu. Simplesmente, ela estava um pouco mais acima. Receber a mensagem da Maria fez-me regressar ao passado, ao pátio e à cantina, onde nada é mais importante do que o grupo a que pertencemos e onde as amizades são uma questão de vida ou de morte. As minhas conquistas profissionais, os meus amigos, o meu filho, a vida que construí, tudo isso parece estar assente em areias movediças. Sinto os pés a deslizarem constantemente e sei que não é preciso muito para cair.

Acabo por deixar a foto de perfil que já tinha e limito-me a enviar-lhe um pedido de amizade; depois de alguma reflexão opto por não adicionar uma mensagem, porque, enfim, que raio lhe diria eu? *Olá, Sophie, que tal tens passado nestes últimos 27 anos?* Ia soar um bocado esquisito. *Olá, Sophie, aquela nossa colega que morreu há anos enviou-me um pedido de amizade no Facebook; também te mandou um?* Esta ia soar ainda mais esquisita, sobretudo se não tivesse recebido a mesma mensagem que eu.

Ali sentada à mesa da cozinha, vou mordiscando distraidamente o interior da bochecha, de olhos postos no ícone das notificações. Passados dois minutos surge um «1» e, ato contínuo, clico no ícone. «Sophie Hannigan aceitou o seu pedido de amizade.» Como seria de se esperar, ela é o tipo de pessoa que está no *Facebook* a toda a hora. Não me enviou uma mensagem, o que me deixa um bocado agoniada e em pânico, mas, ainda assim, ponho-me a vasculhar o perfil dela. Poderá não me deixar mais esclarecida a respeito de como a vida da Sophie realmente é, mas sem dúvida diz muito sobre como ela quer que o mundo a veja. Muda a foto de perfil uma ou duas vezes por semana. É um desfile interminável de fotos em que surge sempre perfeita e cada uma vem acompanhada pelos inevitáveis elogios de amigos de ambos os sexos. Jim Pett, um deles (casado, ao que parece), deixa comentários em todas. «Era já», escreveu numa. «Já foi», comentou

noutra. «Oh, Jim, tens sempre de baixar o nível...!» foi a resposta dela, a fazer-se de enojada, quando a verdade é que adorou.

Eu sei que o *Facebook* nos oferece uma versão idealizada da vida dos outros, onde tudo é selecionado e retocado de maneira a mostrar ao mundo o que cada um quer que o mundo veja. Ainda assim, não consigo evitar as pontadas de inveja ao ver como a beleza dela não sofreu uma beliscadura, ou todas aquelas fotos, os lugares exóticos, os comentários, todo o frenesim social que a rodeia e ao seu vasto círculo de amigos bem-sucedidos. Mas não há qualquer menção a um companheiro ou algum sinal de que tenha filhos e então dou por mim a olhá-la ligeiramente de cima à conta disso. Ao que parece, e mesmo depois de tudo aquilo por que eu própria passei, continuo a olhar essas coisas — encontrar alguém e gerar uma vida — como fatores pelos quais se mede o sucesso de uma mulher.

Agora que chegou o momento de lhe enviar uma mensagem, a indecisão paralisa-me. Como irei explicar-lhe o que acaba de acontecer? Mas... e com quem mais posso falar disto? Antes talvez tivesse falado com o Sam, mas isso agora está fora de questão. Opto pela simplicidade e por um tom descontraído.

«Viva, Sophie, há quanto tempo!», escrevo, já encolhida de embaraço. Claro que se vai aperceber do desespero que emana de cada uma das minhas palavras. «Parece que vivemos as duas em Londres! Ia adorar combinar alguma coisa um dia destes!» Estou a abusar dos pontos de exclamação, mas não sei de que outra maneira poderei transmitir descontração. Claramente, estou preocupada sem motivo porque a resposta chega de imediato:

«Ei! Que bom que me contactaste! Ia adorar ver-te! Vais à reunião de finalistas?»

«Espero bem que sim!», escrevo, com os dedos a escorregarem nas teclas. «Ainda à espera de saber se tenho um compromisso nesse dia à mesma hora, mas ia adorar ver toda a gente!»

Estou bem ciente da discrepância entre a vivacidade do meu tom e a confusão e a angústia que sinto enquanto vou escrevendo.

Na minha cabeça, uma voz (deve ser a da Polly) diz-me que pare, que esqueça a reunião, mas não sou capaz.

«Eu sei! Vai ser o máximo!», responde ela.

Meu Deus, já não aguento mais os pontos de exclamação. Não posso fazer isto por e-mail; tenho de vê-la pessoalmente. Encho-me de coragem e recomeço a teclar.

«Ia adorar pôr a conversa em dia antes da grande ocasião — o que dizes a tomarmos um copo?»

Envio a mensagem antes que tenha tempo de mudar de ideias. Até aqui foi mensagem para lá mensagem para cá, como se não houvesse amanhã, mas, depois de enviar esta, o hiato é ligeiramente maior. Fico com a respiração suspensa.

«Claro, porque não? E que tal vires tomar uma bebida a minha casa? Esta sexta, o que achas?»

Algo trémula, deixo o ar sair-me dos pulmões. Sinto-me um bocado esquisita a ir a casa dela — teria preferido território neutro —, mas não posso continuar nisto durante muito mais tempo, por isso aceito. Ela dá-me a morada (um apartamento em Kensington) e despedimo-nos — ela com uma profusão de beijos e de caras a sorrir; eu com um par de beijos constrangidos. Logo a seguir recebo outra notificação. Fui identificada num post da Sophie Hannigan: «Desejosa de pôr a conversa em dia com a minha antiga colega Louise Williams esta sexta à noite!» Com a mão a tremer, faço *like*. Ainda bem que este primeiro encontro com a Sophie foi online; assim posso recompor-me em privado. *Agora sou uma adulta*, penso. *Não preciso da aprovação dela*. Mas nem a mim mesmo estou a conseguir convencer.

Lá fora a noite cai. Fecho o portátil e, sentada à mesa da cozinha, fico imóvel durante muito tempo. Primeiro o pedido de amizade no *Facebook*, depois a reunião de finalistas, agora este encontro com a Sophie... É como se tivesse embarcado numa viagem, numa aventura, sem antes me ser perguntado se estava

interessada. Embora esteja profundamente chocada com esta reviravolta nos acontecimentos, é como se, de alguma maneira, sempre tivesse estado à espera deste momento ou de alguma coisa assim. Não sei quem está ao volante ou para onde vamos, mas arrancámos e agora não sei como travar.

CAPÍTULO 4

2016

DOU PELA FALTA DA FOTOGRAFIA mesmo antes de tocarem à campainha.

Habitualmente tenho-a em cima da estante ao lado do frigorífico: uma *selfie* minha e do Henry na praia, emoldurados por um céu azul que parece pintado, ambos de olhar franzido por causa do sol. A estante funciona também como «sala de espera» para contas por pagar, cartas da escola, listas de compras e lembretes para mim mesma, com as várias coisas que tenho de fazer. Sabia que a adaptação à vida de mãe solteira e com uma carreira profissional iria ser dura ao nível emocional, mas a profusão de detalhes práticos apanhou-me de surpresa. Às vezes, tenho a sensação de que me mantenho agarrada à minha vida só mesmo pelas pontinhas dos dedos e de que estou sempre a meros segundos de cair no abismo.

Deixo o Henry sentado à mesa, a apanhar meticulosamente os tubinhos de macarrão com o garfo e a levá-los à boca um a um, e vou abrir a porta.

— Estás adiantada.

— Sim, pois, mas é que já sei que a lista de instruções vai ser mais comprida do que o meu braço. Não interessa nada já ter ficado a tomar conta do Henry um milhão de vezes. Há o livro de que ele agora gosta mais, o ângulo exato em que a porta do quarto

dele tem de ficar aberta, o arrumar dos peluches pela ordem certa... Estas coisas levam tempo. Vá, deixas-me entrar ou não?

— Desculpa.

Desvio-me e a Polly passa por mim toda despachada, já a desenrolar do pescoço um enorme cachecol às listas quase tão comprido quanto ela. Tira o sobretudo acolchoado e corre os fechos das suas botas de couro de cano pelo joelho, revelando umas *leggings* a ficarem desbotadas e que acabam um pouco acima das meias desirmanadas, o que deixa ver uma faixa da perna. Está a precisar de ir à depilação.

— Que tal vai isso? — pergunto, enquanto lhe penduro o sobretudo e o cachecol.

— Ora, como de costume. Aquilo lá no trabalho está um pesadelo. Pores-te a andar e lançares-te por tua conta foi o melhor que fizeste.

É basicamente o mesmo que ela me diz sempre que nos vemos desde que saí da Blue Door Interior Design, faz agora três anos, mas ambas sabemos que ela pirava ao fim de um dia sentada em casa, sozinha, como eu agora trabalho, apenas com a ocasional reunião com um cliente para quebrar a rotina. A Polly precisa de tagarelice, das coscuvilhices, da vibração entre colegas num local de trabalho movimentado e com uma atmosfera exigente. Já eu não sinto minimamente a falta de nada disso. De vez em quando combino um copo com alguns dos meus ex-colegas, mas, tirando a Polly, não descreveria qualquer deles como sendo meu amigo.

— Eu sei, mas às vezes dava jeito ter alguém com quem dividir o trabalho — digo por cima do ombro, e num tom vincado, ao entrarmos na cozinha.

A Polly esboça um sorriso. Passo a vida a tentar convencê-la a sair da Blue Door para vir trabalhar comigo. Às vezes tenho de recusar trabalho por falta de tempo, mas juntas dávamos conta do recado.

Quando me lancei por minha conta, no começo foi duro, mas achei que era o momento certo. O Henry já tinha quase um ano e eu estava prestes a regressar à Blue Door, depois de prolongar a licença de maternidade até ao limite. A ideia de recomeçar a trabalhar

a tempo inteiro e de passar todo o dia fora de casa — as horas em que o Henry estava acordado, portanto — alarmou-me. O Sam andava preocupado. Não sabia como íamos fazer quando regressasse ao ativo. Na verdade, o que queria era que eu pura e simplesmente deixasse de trabalhar, mas a nível financeiro isso não seria viável e a verdade era que estava com vontade de retomar a minha carreira profissional, apenas não queria voltar ao ritmo infernal de antes. Acho que nos pareceu que tudo seria mais fácil e tranquilo comigo a trabalhar a partir de casa, a criar aos poucos uma carteira de clientes. Mas não foi bem assim que as coisas se passaram.

Contactei a Rosemary Wright-Collins, com quem tinha trabalhado há anos, e deu-se o caso de ela andar à procura de alguém que tomasse a cargo a decoração de todos os seus imóveis. A Rosemary é promotora imobiliária, renova e vende casas, tem um bom gosto a toda a prova e a carteira bem recheada. Tê-la como minha primeira cliente foi um tremendo golpe de sorte. Que isso tenha acontecido, e que ela continue a recorrer aos meus serviços de cada vez que embarca num novo projeto, enche-me de orgulho. A Rosemary até já deixou o seu testemunho no meu site e não me poupou elogios. Mas, por outro lado, isso não me permitiu uma fase de adaptação; tive de arranjar onde deixar o Henry durante o dia e entrar de imediato em «modo profissional».

— A Caro está a dar comigo em doida — continua a Polly. — Já arranjou outro e agora passa a vida a ligar-me, quase de 10 em 10 minutos, sempre a perguntar o que quer dizer esta e aquela mensagem, o que vestir e se há de ou não rapar a coisa. Não sei que mal fiz eu para merecer uma irmã assim. Por amor de Deus, como quer ela que eu saiba se as mulheres hoje em dia rapam a coisa ou não? Se calhasse apetercer-me ter sexo, acho que o Aaron ficava tão encantado que nem se ralava se estivesse peluda dos pés à cabeça... Henry! Como está o meu menino preferido?

Inclina-se e dá-lhe um beijo no alto da cabeça.

Ele abre um sorriso todo pintalgado de molho de tomate.

— Olá, Polly.

— Passou todo o dia desejoso de que viesses — saliento. — Ao que parece, lê-lhe mais histórias do que eu.

— Bem, a locomotiva Thomas é novidade para mim, as miúdas nunca ligaram a esses bonecos. Já tens mais livros, H.?

Ele abre um sorriso radiante.

— Sim! O papá comprou-me mais três, um do Charlie, um do Arthur e um do Diesel. Lê-los?

— Claro! Estou aqui para isso!

— Mamã, posso ir buscar os livros?

— Sim, se já tiveres comido o suficiente. Deixa-me só falar com a Polly e depois vou embora e ela lê-te os livros todos.

— Fazemos assim, H.: comes a construir uma linha de comboios gigante enquanto eu falo com a mamã e depois, quando ela for embora, vou ter contigo e brincamos os dois. Combinado?

— Combinado! — exclama ele, claramente eufórico com a ideia, e sai da cozinha a correr. Na sua cabeça, já está a construir a linha.

A Polly senta-se à mesa, agarra num dos tubinhos de macarrão já frios no prato do Henry e leva-o à boca. Ajoelha-me junto à estante e afasto-a ligeiramente da parede, abanando perigosamente tudo quanto está nas prateleiras. Passo a mão pelo chão lá atrás, só para me certificar — não está ali.

— Estás a fazer o quê?

— Costumo ter uma fotografia na estante, aquela amorosa, eu e o Henry na praia, lembras-te?

— Ah, sim, essa. E...?

Com um gesto, aponta para mim, ali, ajoelhada no chão.

— Desapareceu.

— Como é que desapareceu?

— Bom, não a mudei de sítio e não está na estante. É onde costumo tê-la sempre.

— Se calhar estavas a limpar o pó, distraíste-te e puseste-a noutra sítio. Já sabes como és.

— Mas onde? Isto não é propriamente um palácio...

A cozinha é comprida e pus estantes de um lado e do outro ao longo da divisão, que ao fundo abre ligeiramente, criando uma área onde cabe à justa uma mesa de refeição pequena, junto às portas que dão para o pátio nas traseiras. Não vejo a foto em lado algum.

— Pode ter sido o Henry a tirá-la do sítio, não?

— Talvez. Henry! — Ele vem à cozinha; traz uma ponte de madeira numa mão e na outra um elefante de plástico que terá talvez o dobro do tamanho da ponte. — Viste aquela foto de nós os dois? A que costuma estar ali na prateleira?

Ele encolhe os ombros.

— Não. Posso continuar a fazer a linha?

— Sim, vai lá. — Volto-me para a Polly. — Bom, onde está a fotografia, então?

Durante toda esta conversa, o pedido de amizade da Maria é como uma vibração em fundo no meu pensamento, a dar uma nova tonalidade à minha visão do mundo. Se fosse há uns dias não teria pensado uma segunda vez na foto desaparecida e, mesmo agora, o meu lado racional diz-me que estou a ser ridícula; mas, num pequeno recanto assustado da minha mente, não consigo evitar a pergunta: terá estado alguém no meu apartamento?

— Oh, não te preocupes, a fotografia vai aparecer. Nalgum lado tem de estar. Então diz lá: quem é essa antiga colega de liceu com quem vais encontrar-te? — pergunta a Polly.

Para ganhar tempo, vou encher a chaleira. A ansiedade por causa da foto desaparecida mantém-se na orla do meu pensamento. Não sei bem quanto desta história quero partilhar com a Polly. Nunca lhe contei (nem a ela nem a ninguém, aliás) o que aconteceu com a Maria. É demasiado grave, pesado de mais. Acho que, se tentasse explicar tudo, nem conseguiria mexer os lábios. Era uma das razões por que estar com o Sam me fazia sentir um alívio tão grande. Nunca tive de lho explicar, porque ele esteve lá. Às vezes pergunto-me se teria aguentado tanta coisa, durante tanto tempo, se não fosse o facto de ser uma das poucas pessoas a saberem o que eu tinha feito. O Sam vira-me no meu pior e, ainda assim, à sua maneira, continuava a amar-me.

— Oh, é só uma rapariga de quem tinha perdido o contacto há anos. Ela escreveu-me pelo *Facebook*, achou que seria simpático encontrarmo-nos e pormos a conversa em dia — explico, tentando manter um tom ligeiro. Esta noite não é a melhor ocasião para lhe contar toda a história. Se começasse a relatar-lhe o que aconteceu com a Maria, nem que fosse a versão tremendamente

censurada que teria de lhe apresentar, ficávamos aqui a noite toda e ainda nem resolvi o que vou vestir. E nisso não posso pedir ajuda à Polly, por mais que gostasse. Teria de lhe explicar porque é tão importante para mim causar boa impressão esta noite.

— Que bom — replica. Está sempre a dizer-me que tenho de sair mais, que tenho de estar com os meus outros amigos. Acha ela, provavelmente com razão, que, na ânsia de me focar no Henry depois de me ter separado do Sam, acabei por descurá-los. De todos os meus amigos só ela não se afastou. Recusou-se a fazê-lo.

— E essa rapariga com quem vais encontrar-te, não se dará o caso de conhecer também o Sam? — pergunta então, de sobrolho franzido.

— Sim, claro que conhece.

— E sabe que ele te trocou por aquela... por aquela flausina?

A maneira como o Sam me tratou faz a Polly encher-se de uma fúria sem limites, equiparável apenas ao desprezo que tem pela Catherine, a segunda e mais jovem esposa dele.

De repente, sinto um amor tremendo pela minha amiga. A Polly, o Aaron, o Sam e eu nunca nos conseguimos realmente tornar num quarteto. Jantávamos de vez em quando e era tudo. Eu quis que fôssemos uma espécie de «quadrilha», como alguns casais meus conhecidos que faziam sempre férias juntos, mas hoje dou graças a Deus por a Polly se ter mantido como a «minha» amiga e por o Aaron e o Sam nunca terem tido grande afinidade.

— Nem tenho a certeza se ela sabe que eu e o Sam fomos casados — replico. — Mas não me surpreenderia que conhecesse a história toda; no liceu, nenhum mexerico lhe escapava.

Bom, a história toda, não. Essa, ninguém a sabe. Nem mesmo a Polly.

— Hum, OK. Passemos a outro tópico — diz ela, e percebo que, qualquer que seja o dito tópico, ela já chegou aqui com ideias de o abordar. — Voltaste a pensar no que eu disse? A respeito dos sites de encontros?

— Não sei, Polly. Não sei se já me sinto capaz de conhecer alguém. — Demoro-me mais do que o necessário a localizar as saquetas de chá no armário. — Já sabes que tenho de me focar

no Henry e no meu trabalho. Não sobra muito tempo seja para o que for.

O problema não é o tempo, sou eu. É como se alguma coisa tivesse ficado destruída cá dentro. Depois de tantos anos com o Sam, nem ia saber como conduzir um novo relacionamento.

— É precisamente por isso que deves ir em frente! Precisas de outra coisa qualquer, de algo que seja só para ti. Entendo perfeitamente que tenhas tido de focar toda a tua energia no Henry, sobretudo atendendo a que ele ia começar a escola este ano, mas faz dois anos que o Sam foi embora. Já é muito tempo, Lou.

Para mim é como se tivesse sido ontem. A dor diminuiu um pouco mas continua presente, como o buraco que permanece na gengiva após a extração de um dente; durante alguns dias consigo não ir lá com a língua, mas noutros não resisto a fazê-lo, para ver se ainda dói muito. Não importa como as coisas já estavam, perto do fim; não consigo esquecer como, antes disso, nos sentíamos um só, em vez de duas pessoas distintas, como estávamos tão completamente embrenhados um no outro ou de todas aquelas ocasiões em que me vi pelo olhar dele, bela como nunca fora alguma vez na vida. Dantes éramos tudo um para o outro e não precisávamos de mais ninguém. Forço-me a parar de pensar no Sam e a focar-me na Polly.

— Eu sei — admito, relutante. — És capaz de ter razão. Mas eu estou bem sozinha. É como estou melhor, aliás.

— Bom, estás melhor sozinha do que com ele, disso não há dúvida. Mas podias estar melhor do que «bem», podias estar feliz. Mereces divertir-te e estar com alguém que te trate bem, que te coloque em primeiro lugar. Alguém que cuide de ti.

— O Sam fazia tudo isso — replico, na defensiva. Às vezes tenho a sensação de que a Polly se esquece de que, até há poucos anos, eu e o Sam éramos felizes. Só então é que as coisas começaram a correr mal. Ela esquece-se do quanto o Sam me amava, do quanto ele precisava de mim, na verdade. Aos 16 anos, o Sam aparentava não precisar de ninguém. Era tão seguro de si que roçava o arrogante, mesmo jamais tendo dito isso então. No liceu, fiz segredo de quanto o adorava porque temia que gozasse comigo. Eu mais parecia um cachorrinho. Mas quando nos reencontrámos,

passados 10 anos, o Sam tinha mudado. Estava um pouco mais brando, mais vulnerável. Algo nele não ficou indiferente à minha paixão adolescente e incapaz de lhe ver um único defeito. Eu continuava a adorá-lo e acho que o Sam se sentiu grato por isso.

— Deus do céu! — exclama a Polly. — Mas porque continuas tu a defendê-lo? O que ele fez está tão errado...!

— Sim, eu sei. Mas ele não teve a culpa toda.

— Teve, sim senhor! Teve a culpa todinha!

A Polly prende os cabelos indomáveis num rabo de cavalo e, com a frustração, põe-se a torcê-lo. Já tivemos esta conversa várias vezes e ambas sabemos que jamais ficaremos de acordo, por isso mudo de assunto, a ver se a refreio.

— Bom... quanto a isso dos encontros online, nem sei o que poderia dizer sobre mim.

— Ah! Essa é a parte com que não tens de te preocupar.

A Polly sorri como uma jogadora de póquer a puxar de um trunfo. Uma das muitas coisas que adoro nela é a sua incapacidade de ficar ressentida. Pode estar furiosa connosco por qualquer motivo, mas então fazemo-la rir e, de um momento para o outro, passa-lhe a irritação.

— Descobri um site onde são os nossos amigos a criar o nosso perfil. Neste caso, seria uma amiga tua a escrevê-lo, a dizer de que tipo de homem estás à procura e tudo isso. Só tens de ficar sentada à espera de que os convites comecem a chegar.

— E essa minha amiga seria...?

A sorrir, espremo as saquetas de chá dentro de cada chávena e junto o leite.

— *Tcharam!* — A Polly agita os dedos de volta do rosto, como uma ilusionista. — Agora a sério: tens alguma coisa a perder?

A questão não é tanto o que tenho a perder, mas o que poderei potencialmente vir a ganhar. Será que quero mesmo abrir-me à possibilidade de tornar a sofrer? Custou-me tanto chegar aqui, ser independente e autossuficiente, só eu e o Henry, os dois felizes no nosso pequeno casulo protetor... Assegurar o bem-estar do meu filho tem sido a minha única preocupação para lá do trabalho e, embora haja dias em que gostaria de poder fazer o relógio

andar para trás, o facto é que até estou bem; estou mais saudável e sinto-me mais feliz. Na verdade, nem consigo imaginar-me a voltar a viver com alguém. Receio ter-me tornado demasiadamente esquisita. Vem-me à cabeça uma frase que, em pequena, ouvia a minha mãe dizer: *Já não tenho remédio*.

— Não te zangues, por favor — diz então a Polly —, mas já te criei um perfil no site. E se lhe desses uma olhadela, para veres que tal te parece? — Estende o braço e puxa o meu portátil para si.

— Espera! — Avanço de um salto e tiro-lho das mãos. Deixei a página da Maria no *Facebook* aberta.

Perplexa, a Polly recolhe a mão.

— Calma, ainda não ativei o perfil. Já o criei, mas queria que o visses primeiro.

— Oh, desculpa, não é isso — replico, e, ao abrir o portátil, rezo para que não se dê conta de como as mãos me tremem muito ligeiramente —, é que precisas da palavra-passe. Eu faço isso.

Carrego numas quantas teclas ao acaso, a fingir que estou a digitar a minha palavra-passe, depois fecho a janela do *Facebook* e empurro o portátil na direção da Polly. Ela abre uma nova janela e durante alguns segundos limita-se a teclar.

— OK, cá está: «Mulher independente e com sentido de humor procura homem em idêntica disposição, entre os 35 e os 50 anos, para passeios no campo, comida deliciosa e para sair umas noites e noutras ficar em casa.»

— Detesto passeios no campo.

— Eu sei, mas parece que eles todos adoram, por isso achei que eras capaz de ter mais oportunidades dizendo que também gostas.

— OK, tudo bem. Mas... e a «comida deliciosa»? Eles não vão achar que estou a avisar que sou gorda, tipo *mesmo* gorda?

— Eles vão poder ver a tua fotografia, portanto vão saber que não és. Olha.

Clica na foto. Escolheu uma que nunca tinha visto, tirada num churrasco em casa dela e do Aaron, neste último verão. Estou com um alegre vestido de algodão estampado e de óculos escuros; tenho um copo de vinho na mão e estou a rir. Pareço feliz e despreocupada. Nem pareço eu, portanto.

— Que tal? — pergunta a Polly, esperançada. — Posso ativar o perfil?

— Ai, meu Deus, vá, ativa-o.

Ela não vai desistir e suponho que não há mal algum em inscrever-me no site. Afinal de contas, isso não me obriga a sair com ninguém.

— Iupi! — exclama a Polly, toda feliz a teclar. — Pronto, agora vai-te lá vestir. Eu acabo isto e depois vou brincar com o Henry. Criei-te uma conta de e-mail para estes contactos, OK? Assim não há misturas. Vou mandar-te todos os detalhes para a tua conta de e-mail normal.

Experimento para aí umas cinco alternativas «chiques», mas todas me parecem exageradas — dão-me ar de quem se está a esforçar de mais, por isso acabo por optar por um estilo casual, mas «à maneira»: saia de ganga, umas *leggings* e uma camisola de malha de gola alta. Quando espreito para a sala, a fim de me despedir, o Henry e a Polly estão embrenhados num drama que envolve comboios descarrilados, mas ele larga a brincadeira por um instante para se despedir com o tom grave que lhe parece que a ocasião exige. Para o Henry, as despedidas são sempre uma coisa muito séria, e não devem encarar-se de forma leviana.

No caminho para a estação de Crystal Palace, sinto o telemóvel vibrar. Tiro-o do bolso e vejo que recebi uma notificação do *Facebook*. Abro-a com apreensão, mas afinal é só a Polly a dar-me conta dos últimos desenvolvimentos: «Neste momento, sou a Louise Williams no *matchmymate.com* e estou a divertir-me à grande», escreveu ela. E identificou-me, portanto isto também vai aparecer na minha página. «Obrigada por dizeres ao mundo inteiro», respondo, acrescentando uma cara a sorrir, para saber que não estou chateada. Hoje em dia, ao que parece, toda a gente aderiu aos encontros pela Internet, por isso não faz mal os meus amigos saberem. Sorrio ao imaginar a reação de alguns deles ao verem o post da Polly; mal posso esperar para ler os comentários. De súbito, dou-me conta de que andava à procura de uma maneira qualquer de regressar à minha própria vida. Talvez seja isto.

UM PEDIDO DE AMIZADE NO FACEBOOK... É A COISA MAIS NORMAL DO MUNDO. CERTO?

Maria Weston morreu durante a sua festa de finalistas do liceu. Era uma rapariga irreverente, autêntica, e tinha a vida pela frente... O corpo nunca foi encontrado. Portanto, quando Louise Williams, 25 anos depois, recebe o seu pedido de amizade no *Facebook*, entra em pânico.

Depois do pedido, começam a chegar as mensagens. Inicialmente, parecem inofensivas. Memórias de um passado que Louise não quer relembrar, mas apenas isso. Depois, começam a ser cada vez mais detalhadas, e as recordações aproximam-se perigosamente de um segredo que nunca deverá ser revelado. Louise nem imagina o que aconteceria se todos soubessem o que realmente aconteceu a Maria.

Mas, afinal, é apenas o *Facebook*, certo? Mesmo quando Louise sente alguém a segui-la no metro. É tudo virtual, não é? Até quando há objetos a desaparecer de casa. O que se passa nas redes sociais não é a vida real, certo?

CERTO?

«Uma estreia fortíssima, com uma protagonista cativante, cuja autodescoberta e crescente paranoia criam um suspense fantástico.»

Booklist

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8869-67-8



9 789898 869678

Thriller